

Um dispositivo digital de mediação cultural: o caso do repositório filatélico brasileiro¹

A digital device of cultural mediation:
the case of the Brazilian Philatelic Repository

Diego Salcedo

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor no Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). salcedo.da@gmail.com

Jhoicykelly Roberto Pessoa e Silva

Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
kellypessoa2@hotmail.com

RESUMO

O artigo parte do pressuposto que repositórios podem atuar como dispositivos de mediação cultural. Ele apresenta o Repositório Filatélico Brasileiro, ambiente digital desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Imago e Humanidades Digitais da Universidade Federal de Pernambuco. Tem como objetivo averiguar como esse repositório pode ser utilizado como um dispositivo de mediação cultural atuante no regime informacional do selo postal. A pesquisa utilizou como procedimento metodológico a revisão bibliográfica em literatura especializada em áreas como Ciência da Informação, Mediação Cultural, Coleccionismo e Filatelia. Também identificou e analisou a documentação filatélica do repositório, entre os anos de 1900 e 2017. A identificação resultou numa amostra de selos postais comemorativos do tema Pernambuco. Como prática pedagógica a pesquisa realizou uma oficina de etiquetagem livre com essa amostra junto a 36 estudantes do Curso de Biblioteconomia daquela universidade. O estudo concluiu que o selo postal e o repositório servem como interfaces de processo criativos de ensino-aprendizagem. Permitiu perceber uma salutar troca de experiência criativa nas ações de etiquetagem dos documentos da amostra. Por fim, a pesquisa considerou necessário criar futuras oportunidades para que a relação entre interagentes e repositórios possam designar processos positivos de mediação cultural.

Palavras-chave: Dispositivo. Mediação Cultural. Repositório. Filatelia. Selo Postal.

ABSTRACT

The article assumes that repositories can act as cultural mediation devices. It presents the Brazilian Philatelic Repository, a digital environment developed by the Imago and Digital Humanities Research Group at the Federal University of Pernambuco. It aims to find out how this repository can be used as a cultural mediation device active in the informational regime of the postage stamp. The research used as a methodological procedure the bibliographic review in specialized literature in areas such as Information Science, Cultural Mediation, Collecting and Philately. It also identified and analyzed the philatelic documentation of the repository, between the years 1900 and 2017. The identification resulted in a sample of commemorative postage stamps on the Pernambuco theme. As a pedagogical practice, the research held a free labeling workshop with this sample with 36 students of the Library Science Course at that university. The study concluded that the postage stamp and the repository serve

¹ Esta pesquisa teve bolsa de Iniciação Científica da FACEPE: BIC-0999-6.07/17. A pesquisa recebeu o Prêmio Ricardo Ferreira ao Talento Jovem Cientista em conformidade com a 22ª Jornada de Iniciação Científica FACEPE - Edital 6/2018.

as creative teaching-learning process interfaces. It allowed to perceive a healthy exchange of creative experience in the labeling actions of the sample documents. Finally, the research considered it necessary to create future opportunities so that the relationship between interactants and repositories can designate positive processes of cultural mediation.

Keywords: Device. Cultural Mediation. Repository. Philately. Postal Memory.

1 INTRODUÇÃO

A evolução dos registros do conhecimento percorreu uma trajetória histórica alicerçada ao desenvolvimento da humanidade. Das marcas rupestres ao armazenamento de dados na nuvem, os registros foram migrando de suporte em suporte. Bibliotecas, arquivos e museus surgiram como resultado da necessidade e do desejo humanos de salvaguardar a informação e, por isso, tornaram-se símbolos culturais que abrigam um legado social. Evidentemente, com a necessidade de guarda, emerge também a premência de não se perder o que fora guardado.

O bibliotecário, profissional de vanguarda e filho do seu tempo, destacou-se em virtude de sua preocupação em formular métodos e técnicas de organização, preservação e acesso a informação – interligando passado, presente e futuro. Basta lembrarmos que certos avanços tecnológicos só foram possíveis por conta de releituras de concepções engendradas na antiguidade. Em que pese ao indivíduo ser social a história evidenciou que ele necessita de comunicação.

Atualmente, esse processo comunicativo ocorre quase que de maneira imediata: tempo e espaço são obstáculos que passam quase despercebidos na era da informação. O sincretismo cultural, a passagem da tradição oral para a escrita, o trabalho dos monges copistas, a invenção da imprensa, do telefone, da internet e de outros meios de comunicação, proporcionou mudanças expressivas da produção ao uso da informação. Essas mudanças, ocasionadas pela explosão bibliográfica e pela consolidação da Ciência da Informação (LE COADIC, 2014; MALHEIRO; RIBEIRO, 2011) promoveram debates sobre conceitos e práticas em diversas instâncias.

A dinâmica dos serviços de informação, por exemplo, alterou-se radicalmente com a migração do ambiente “físico” para o “virtual” e com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação, introduzindo novas perspectivas, desafios e problemas. Antes de perder espaço para os meios digitais, as cartas, há pouco tempo, ainda eram um meio usual de comunicação. Esse modo de correspondência passou por um processo de

ressignificação em que o remetente e o destinatário estabelecem um vínculo afetivo a partir da preservação e do resgate nostálgico dessa tradição epistolar.

Bibliotecas digitais, arquivos digitais e, os recentes, repositórios digitais são também espaços que vieram para romper com a ideia de unidades de custódia, além de ampliarem sua designação de preservação a partir do redescobrimto da sua missão social: auxiliar diretamente no ensino, no desenvolvimento de pesquisas e na apropriação do conhecimento e da cultura pela comunidade ao qual está inserida. Consequentemente, os conceitos de Dado, Informação, Conhecimento e Competência (SETZER, 1999) levaram-nos a reavaliar e designar alguns objetos, antes alheios, como fontes notórias de informação.

O Colecionismo e a História, enquanto disciplinas, também contribuíram na ressignificação e na perpetuação da prática filatélica (entendida aqui enquanto colecionismo de documentos filatélicos para além do selo postal). Neste sentido, destacamos a representação do selo postal como um desses itens informacionais, benemérito de olhares na Ciência da Informação e em áreas correlatas, caracterizado pela sua utilização em diversos lugares, por pessoas e instituições, com a finalidade de autenticar e legitimar documentos, além de garantir a inviolabilidade das informações neles contidas (SALCEDO, 2010).

Mesmo com todo avanço tecnológico ainda não encontramos uma quantidade significativa de pesquisas que classifiquem plataformas digitais como dispositivos de mediação cultural. Assim, o Grupo de Pesquisa Imago e Humanidades Digitais (IHD) vem desenvolvendo desde 2014 o Repositório Filatélico Brasileiro (REFIBRA) e, nele contido, o Dicionário Filatélico Brasileiro (DIFIBRA) e a Bibliografia Filatélica Brasileira (BIFIBRA). Cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq, o REFIBRA tem conseguido realizar ações de formação por meio de cursos técnicos, elaborar projetos de pesquisa e de extensão, desenvolver didáticas no ensino superior e buscar parcerias públicas e privadas para ações culturais.

Na medida em que este repositório recebe conteúdo e reconhecimento, contribui, significativamente, com programas de preservação, conservação e difusão do patrimônio material local, regional e nacional. Mas, será que uma plataforma digital pode servir como uma ferramenta de mediação cultural? Se sim, o que determina que esta ferramenta seja qualificada como um dispositivo de mediação? Existem critérios que estabelecem essa conceituação?

Essas perguntas nortearam a pesquisa ora apresentada e debatida neste artigo, teve como objetivo esclarecer como o Repositório Filatélico Brasileiro pode ser considerado um dispositivo de mediação cultural atuante no regime informacional do selo postal. A pesquisa foi de natureza exploratória e os métodos adotados baseiam-se no levantamento bibliográfico da área de Ciência da Informação, na análise documental com recorte definido pela documentação filatélica-comemorativa pernambucana de 1900 a 2017 depositada no REFIBRA, além da análise dos dados coletados com os interagentes, caracterizando-a como estudo de caso.

A fim de facilitar a compreensão do que foi proposto o artigo foi dividido em três momentos, onde: a) foi tratada a importância da memória postal e a necessidade da criação de um repositório com o intuito de descobrir onde ele se enquadra no regime informacional do selo postal; b) foi analisada o conceito de mediação e foram estabelecidos critérios para determinar o REFIBRA como um Dispositivo de Mediação Cultural (DMC); c) foram apresentados dados sobre a realização da primeira oficina que teve por finalidade a consolidação dos objetivos supracitados e mostrar como este repositório pode contribuir no processo de apropriação da informação cultural, servindo como protótipo para futuras investigações.

2 MEMÓRIA, COLECIONISMO E SELO POSTAL: UM REGIME DE INFORMAÇÃO

O selo postal surgiu na Europa durante o século XIX. Estudos apontam que fatores como a propagação do uso de correspondências, a abertura dos portos, a expansão e o progresso do comércio, o estabelecimento da imprensa e as revoluções coloniais contribuíram para que a comunicação Real fosse aperfeiçoada, desencadeando em uma ânsia do Estado Brasileiro em unir esforços e institucionalizar o selo postal, tornando-se um dos três primeiros países a realizar tal feito (SALCEDO, 2010).

A primeira tiragem impressa na Casa da Moeda do Brasil e posta em circulação pelos Correios do Império ficou popularmente conhecida como a série “Olho-de-boi” (1843), seguida dos selos “Inclinados” (1844), dos “Olhos-de-cabra” (1850) e dos “Olhos-de-gato” (1854). Eles se diferenciam dos demais pela sua estrutura não-denteada, por não terem seguido o padrão internacional de apresentar brasões do país emissor e por

possuírem uma nomenclatura alusiva aos animais, caracterizando-os como raridades para os colecionadores desse tipo de artefato.

No ano de 1866, foi emitida a série conhecida como “Dom Pedro II”, confeccionada com o intuito de fortalecer e legitimar a figura do monarca, além de serem difíceis de falsificar (ALMEIDA, VASQUEZ, 2003). Salcedo (2010) acrescenta que nessa época emergia uma nova prática social, uma atividade comercialmente lucrativa, oriunda do entusiasmo, da ansiedade, da paixão e de uma ética deontológica que, por ventura, denominar-se-ia: Filatelia. Neste sentido, podemos entender que essas mudanças de cenário refletiram nos processos de confecção, circulação e práticas filatélicas desses objetos.

Em meados de 1900, foram emitidos os primeiros selos do tipo comemorativo. Estes, celebravam o 4º Centenário do Descobrimento do Brasil. Seis anos mais tarde foram emitidas as primeiras edições comemorativas com repercussão no exterior, alusivas ao 3º Congresso Pan-Americano. Com a criação do serviço aéreo, selos exclusivos foram emitidos entre 1927 e 1934. Em comemoração à 1ª Exposição Filatélica Internacional ocorrida no ano de 1938, originou-se o primeiro bloco comemorativo.

A grande maioria dos selos comemorativos brasileiros tinham coloração monocromática, com as mesmas técnicas e deficiências dos selos ordinários. Em 1968, começaram a ocorrer melhorias significativas no processo de impressão, especialmente no que se referia ao tipo de papel, às técnicas utilizadas e aos mecanismos de segurança contra falsificações. Além da preocupação com a legitimidade e da criação da ECT (Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos) em março de 1969, foram contratados artistas plásticos para melhorar a qualidade das novas emissões comemorativas. A Casa da Moeda também foi reequipada para garantir um padrão de impressão, dentre outras providências que foram adotadas para valorizar o mercado filatélico (SALCEDO, 2010).

O selo comemorativo, em particular, adquiriu uma conotação de propaganda, assumindo a função de fonte de informação que resgata a memória de pessoas, fatos e eventos. Apesar de seu tamanho, este documento, preserva e fornece, ao mesmo tempo, informações para a construção de um panorama histórico, político, econômico e cultural da sociedade em uma determinada época.

Desse modo,

o selo postal oferece a oportunidade para que possamos, se olharmos atentamente, perceber as transformações pelas quais temos passado, como conduzimos o desenvolvimento tecnológico, como nos distanciamos ou aproximamos do Outro, como lidamos com as diferenças e as semelhanças, como continuamos contando a nossa história e a da Natureza, como dizemos ou silenciemos nossos discursos e como os Estados ramificam os seus. (...) podemos estudar o selo postal sob a perspectiva de conceitos como, documento, suporte, patrimônio, monumento e obra artística. (SALCEDO, 2010, p. 89)

O autor (2008) acredita que o selo comemorativo é uma tipologia bastante significativa, pois se assemelha a um cartaz e possui a função inata de informar e educar sobre a comemoração/objeto da emissão. Assim como a moeda, ele serve para reconhecer e legitimar uma nação, encontrando-se entre os produtos do Estado que possuem maior visibilidade interna e externamente. No entanto, enquanto a moeda é produzida conceitualmente para o uso interno, o selo postal, mais do que isso, assume um papel "diplomático" ao apresentar imagens do seu país emissor e divulgá-lo para além de suas fronteiras.

Neste sentido, ressaltamos o aspecto cultural desses pequenos "embaixadores de papel" que muitas vezes são desacreditados tendo sua potencialidade, como objeto comunicador da história, reduzida. Acreditamos que o selo postal, enquanto mídia ilustrativa, envia mensagens a um grande público e serve de base para um olhar científico, tornando-se uma obra digna de ser preservada.

O REFIBRA, como já havíamos mencionado, vem sendo desenvolvido com a finalidade de preservar esse patrimônio filatélico brasileiro, continuamente formado por mais de 170 anos de atividades postais. Além disso, promove ações de preservação da memória em ambiente digital, tornando o Brasil percussor nesse tipo de iniciativa (UNESCO, 2012).

De início, as práticas de preservação digital baseavam-se na ideia de garantir a longevidade dos documentos, mas com o tempo, essa preocupação passou a focar em estratégias operacionais de organização, recuperação e acesso a partir da precaução de armazenamento – visto a iminência de migração de suporte, a conversão de formatos, a emulação e preservação da integridade do conteúdo (ARELLANO, 2004).

Assim, parece-nos relevante reconhecer as características culturais de ordem local e regional do Repositório. Se a história da composição desse patrimônio pode ser analisada e interpretada desde uma visão nacional, então é de igual relevância que ela

também seja pesquisada a partir de olhares críticos regionais e locais. Parte do conteúdo imagético-documental do banco de dados do repositório vem sendo composto por selos comemorativos e os seus respectivos editais de emissão, que rememoram e ilustram Pernambuco – seja por meio do discurso memorial, quanto identitário.

Por ser um documento emitido pelo Estado, o selo postal permeia um regime de informação burocrático, passando por várias instâncias até que possa ser comercializado, consumido ou colecionado. Diferentes autores têm utilizado essa expressão como um recurso interpretativo para abordar relações políticas entre informação e poder (GÓMEZ, 2012).

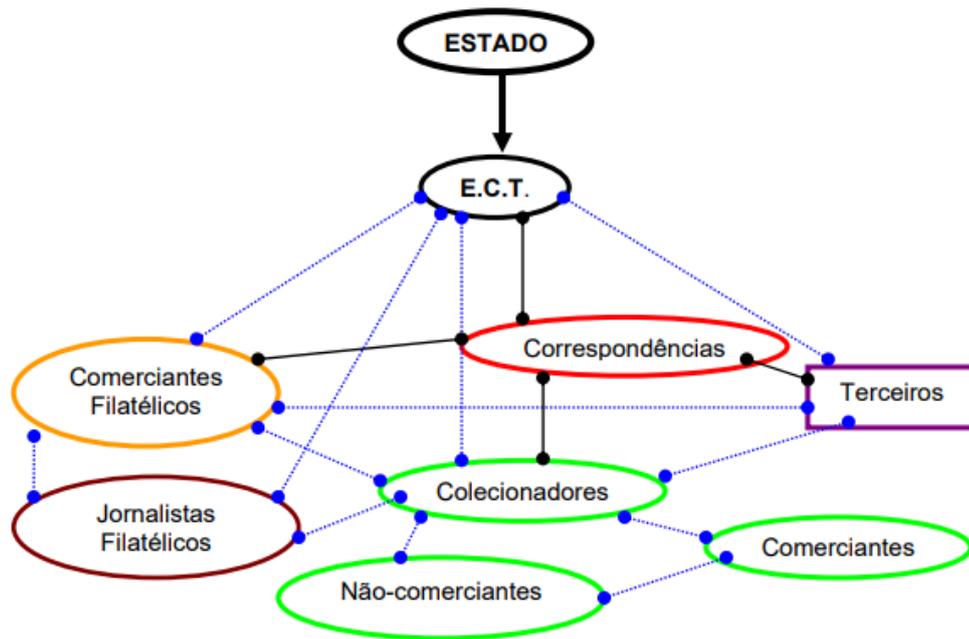
Esse regime

designa um modo de produção informacional dominante em formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação, os padrões de excelência e os arranjos organizacionais e seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição. Um regime de informação que constituiria, logo, um conjunto mais ou menos estável de redes sócio comunicacionais formais e informais nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de muitos e diversos meios, canais e organizações, a diferentes destinatários ou receptores, sejam estes usuários específicos ou públicos amplos (GÓMEZ, 2002, p. 34).

No Brasil, toda documentação filatélica é resultado de um processo de seleção, regido por uma comissão nacional, de âmbito federal, até que possa ser emitida pelos Correios. O selo é, pois, um documento arquivístico que já nasce permanente: “compreender o processo de produção, de disseminação e de consumo é de fundamental relevância para relacionar o objeto em questão a contextos socioculturais”. (SALCEDO, 2006 p. 112)

A partir desta concepção, o autor propôs o Regime de Informação do Selo Postal, um esquema que permite a visualização da articulação dos atores e funções sociais do selo postal – como demonstra a figura a seguir:

Figura 1 - Regime de Informação do Selo Postal



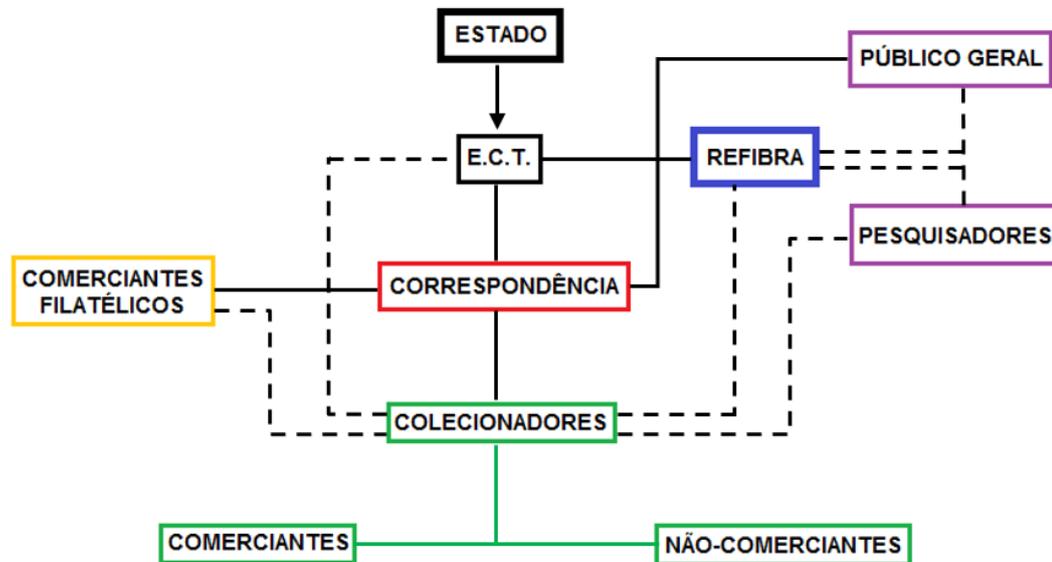
Fonte - Salcedo (2010, p. 142)

Salcedo toma o Estado como o princípio do processo de produção e circulação do selo postal que, após sua homologação, é remetido via atos normativos aos Correios. Vale ressaltar que a comunicação entre esses dois órgãos acontece de modo hierárquico, além de não sofrer interferências dos demais atores sociais. Uma vez na ECT, pode seguir diversos caminhos: tanto de via única (conectores na cor preta), quanto bilateral (conectores azuis).

Pelos Correios ou por intermédio de correspondências, o selo perpassa Colecionadores (subdivididos em Comerciantes e Não-comerciantes), ou chega nos Comerciantes Filatélicos – que não necessariamente são colecionadores. Poderia ainda, passar por duas instâncias, as quais o autor denomina de “Jornalistas Filatélicos” e “Terceiros”, que não se enquadram nem na categoria de Colecionadores, nem na de Comerciantes.

Propomos, portanto, uma releitura deste modelo a partir da criação do REFIBRA:

Figura 2 – Atualização do Regime de Informação do Selo Postal



Fonte – os autores (2018)

Ligado diretamente aos Correios, o Repositório passa a ser considerado um ator social catalizador, reunindo, em um só lugar, a produção filatélica do Estado e disponibilizando-a aos demais atores (exceto à categoria dos Comerciantes Filatélicos, por não possuir fins lucrativos). Em outras palavras, tornar-se uma aresta que interliga “Colecionadores” e “Terceiros” que foram substituídos por outras duas nomenclaturas: “Pesquisadores” (que engloba não apenas os jornalistas filatélicos, mas, também, pesquisadores das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e “Público Geral” (que consomem esses objetos por meio de correspondências). O fluxo de interação entre os atores permanece: as ligações solidas significam relações que ocorrem em via única; já as pontilhadas, que podem vir a acontecer de modo bilateral.

Visto essa nova proposta, podemos afirmar que o selo postal encontra seu público nos mais diferentes ambientes: em correspondências de entidades públicas e/ou privadas; no comércio filatélico nacional e internacional; entre os governos e os seus núcleos de atuação; em pesquisas acadêmicas; em diversas unidades de informação; e, agora, disponível no Repositório Filatélico Brasileiro.

3 O REFIBRA COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO CULTURAL

Anteriormente abordamos a importância da preservação da memória postal, e ressaltamos a relevância da criação de um repositório: uma ferramenta social que se enquadra na dinâmica do quadro informacional do selo postal. Em virtude de sua posição neste quadro, podemos considerá-lo um dispositivo de mediação cultural? O que um dispositivo cultural proporciona em ambiente real que o REFIBRA pode proporcionar em ambiente virtual? Para esclarecer e tentar responder esses questionamentos devemos retomar dois conceitos importantes: o de mediação e o de dispositivo.

A mediação cultural pode ser compreendida como um processo que possibilitam um vínculo dialético, uma via comunicativa por meio de um dispositivo. A herança marxista influenciou as primeiras concepções sobre este conceito, que antes eram compreendidas sob a noção de reflexo. Assim, para Signates (1998, p. 38) arte é o “reflexo do mundo real ou da realidade por trás das aparências, ou, ainda, reflexo do mundo tal qual como é visto pela mente do artista”.

Por sua vez Davallon (2003, p. 10) sugere que a mediação cultural

visa fazer acender um público a obras (ou saberes) e a sua ação consiste em construir uma interface entre estes dois universos estranhos um ao outro (o do público e o objeto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro. Mas na prática, ela deixa de cobrir coisas tão diversas como a prática profissional dos mediadores. O conhecimento na mediação cultural não se dá apenas com a circulação da comunicação de um polo para outro, mas de uma maneira que a atuação de um saber cultural modifica aquele que se relaciona com ele e o torna um colaborador que com auxílio de um mediador cultural pode apreender, transformar e passar a informação recebida.

Considerada a importância dessa conceituação, acreditamos que o REFIBRA é um mediador de interface virtual que facilita o acesso aos documentos postais, tornando-se uma ferramenta a ser utilizada para apropriação da informação cultural neles contidas. Entendemos apropriação cultural como a ação na qual o sujeito ajusta, molda e torna particular um signo/objeto. Para Paschoal (2009, p. 19), este fenômeno é mais que um ato de aproximação entre dois pontos distantes, é uma atitude recíproca caracterizando-se como Intermediação e,

como tal, não se configura em gestos mecânicos ou neutros, quando se trata de mediação cultural. Seja por meio da ação direta de um mediador, seja pela ação indireta dos objetos, das mídias, das configurações, de espaços reais e virtuais, os processos de mediação implicam sempre discursos, isto é, significações, interpretações, codificações do mundo e dos seres que o habitam. Tais atos estão, portanto, entremeados de sentidos e de valores, não sendo, portanto, os processos de mediação simples instrumentos ou ferramentas tendo em vista a realização uma finalidade ou objetivo.

Em outras palavras, o ponto diferencial da mediação seria o fato de que ela é constitutiva e intrínseca a todo processo de significação, de apropriação simbólica dos conteúdos culturais. O mediador, por sua vez, desempenha um papel maior do que apenas um mero intermediário entre dois pontos, ele tem a função colaborativa na construção e ressignificação do objeto-cultura.

De acordo com o “paradigma da apropriação cultural”, o conceito de mediação articula-se também com o de democracia cultural. Mediar é possibilitar a apropriação, que se dá de forma dialógica, seguida de uma construção que signifique o objeto simbólico de interesse. Teria por finalidade auxiliar em práticas de ensino-aprendizagem, instigando o desenvolvimento de arranjos produtivo locais e de projetos culturais de economia criativa – garantindo uma autonomia social (PERROTTI; PIERUCCINI, 2014).

Fantin e Girardello (2009) propõem que a mediação deve ser pensada como forma de assegurar e/ou recuperar a corporeidade – o gesto, a voz, a postura, o movimento, o olhar – e a relação com a natureza como dimensões fundamentais de construção de sentidos. Acrescentam também que os educadores devem buscar formas significativas de mediação entre as possibilidades de uso e as formas de apropriação das tecnologias nos espaços de interação. Isso se daria por meio de políticas públicas que garantam o acesso, o desenvolvimento de softwares e um trabalho de mediação educativo-cultural e de formação para a cidadania através dessas tecnologias.

Vivemos um tempo em que as Tecnologias de Informação e Comunicação se destacam no cotidiano das pessoas de forma a participarem de processos de reconfiguração de práticas sociais e culturais (FONTES, GOMES, 2013). A questão da exclusão digital é pertinente, contudo esse problema não deve nos impedir de contemplar as implicações de uma cibercultura em outras dimensões. O ciberespaço tornou-se um instrumento que consolida, expressa e liga os processos, interesses, valores e instituições

sociais, políticas, econômicas e culturais: “um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber” (LÉVY, 1999, p. 244).

Por sua vez, o conceito de Dispositivo é amplo e sofre algumas alterações entre diversas áreas, entretanto mantém a sua essência segundo a interação da ação. A mediação cultural pode contribuir para essa aproximação entre o indivíduo e dispositivo. O acesso é facilitado por meio de um canal que une objeto/saber cultural e as pessoas que tenham este contato (DUFRENE; GELLEREAU, 2004).

Ferreira (2006) afirma que o conceito de dispositivo cultural é, por um lado, um conjunto de materialidades, e, por outro, o conjunto de reações e intersecções com processos sociais e de comunicação. Isso significa que um dispositivo pode ser entendido como ações que permeiam relações sociais e possuem a finalidade de criar uma inter-relação e de promover diálogo. Ele deve estar inscrito em um projeto que delimite sua missão, numa situação particular, que represente sua força fundante e razão de ser, tanto quanto as limitações que pesam sobre os seus objetivos (MAERTELETO; COUZINET, 2013).

Aprofundar o olhar sobre as práticas culturais contemporâneas nos aproxima e alarga nossa compreensão do conceito de mediação cultural dentro de uma área de conhecimento transdisciplinar como a Ciência da Informação. Tendo isso em vista, Galegale e Oliveira (2017) propuseram o fato de que a mediação cultural no âmbito da web 2.0 se dá por meio da interatividade, da participação e da experiência. Ou seja, a própria mediação é interpretada como dispositivo – no entendimento foucaultiano do termo –, apontando os efeitos de discurso de contingências sociais e culturais, partindo do advento das mídias sociais como canal de relacionamento entre os sujeitos.

Perroti (2016, p. 10-13) acrescenta que

tradicionalmente, os dispositivos de mediação cultural - e seus agentes - foram, com frequência, reduzidos a meros centros distribuidores de informação e cultura, canais de acesso ao conhecimento. Sob a nova perspectiva, não só distribuem ou permitem acesso. Reivindicam e afirmam-se como núcleos produtores de sentidos, com seus processos específicos, linguagens, tecnologias, procedimentos (...) Face às concepções vigentes, mais que instituições concebidas e ordenadas como instâncias de apropriação cultural, que prevêm dinâmicas polifônicas permeando as relações entre os sujeitos e os objetos culturais, a modernidade desenvolveu dispositivos compromissados com processos de assimilação cultural, fazendo, portanto, da ação mediadora uma forma de intervenção adaptativa dos sujeitos a códigos culturais consagrados.

Em consonância com as definições dos conceitos de mediação e dispositivo, foi possível a elaboração de critérios que classificam o REFIBRA como um dispositivo cultural, pois este possui a missão de:

- Produzir, gerenciar ou disponibilizar informações culturais por meio de produtos/serviços;
- Auxiliar práticas de ensino-aprendizagem;
- Contribuir na assimilação e apropriação de informações culturais pelos sujeitos sociais;
- Promover ações de ressignificação de objetos culturais pelos sujeitos sociais;
- Servir como colaborador, não apenas de circulação de informação, mas também em arranjos produtivos, projetos artísticos ou projetos de economia criativa.

Nesse sentido, tanto uma pessoa quanto uma tecnologia – como é o caso da presente pesquisa – podem servir como dispositivo mediador, um imperativo de caráter socializador, para a formação da prática cultural e na relação que os indivíduos estabelecem com as artes e a cultura. Por meio do REFIBRA, a sociedade pernambucana poderá se apropriar do objeto-cultura e remodelar o regime de informação filatélico de acordo com as suas particularidades.

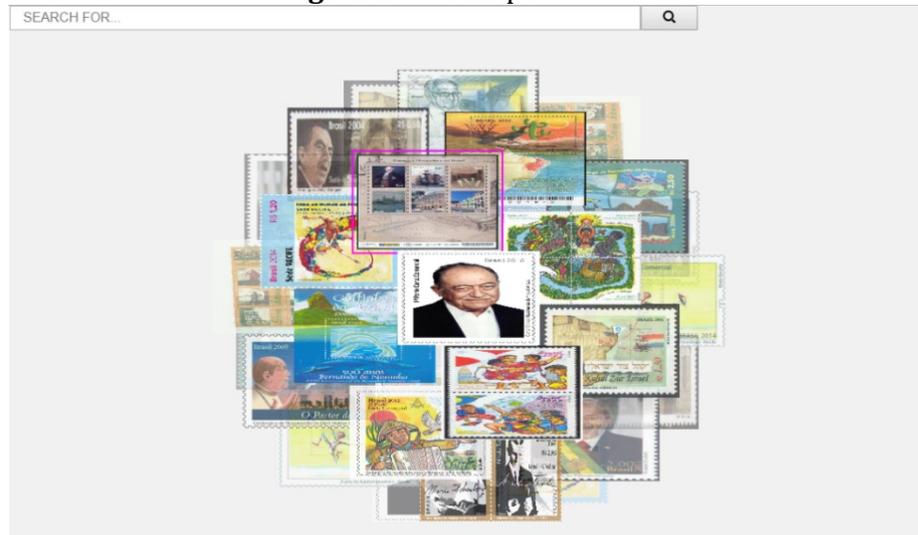
4 ANÁLISE DA PRIMEIRA OFICINA DE MEDIAÇÃO CULTURAL COM O REFIBRA

O Repositório Filatélico Brasileiro ainda se encontra em fase de protótipo, mas desde a sua gênese, vem sendo planejado, testado e recriado a partir da premissa de que o selo postal tem a potencialidade de estimular e permitir a visualização da personificação de uma entidade nacional. O Imago e Humanidades Digitais, enquanto grupo de pesquisa multidisciplinar, preocupa-se com todas as fases do processo de apropriação da informação pela sociedade – desde questões de representação descritiva e temática, quanto problemas de disponibilização e acesso dessa massa documental que serviu, e ainda serve, de base para outras pesquisas.

A documentação filatélica depositada na base de dados do repositório, até o momento do desenvolvimento dessa pesquisa, é referente aos selos comemorativos pernambucanos considerando o escopo temporal de 1900 até 2017. Decidimos este

recorte documental devido à importância das informações neles contidas para uma análise regional-local mais aprofundada.

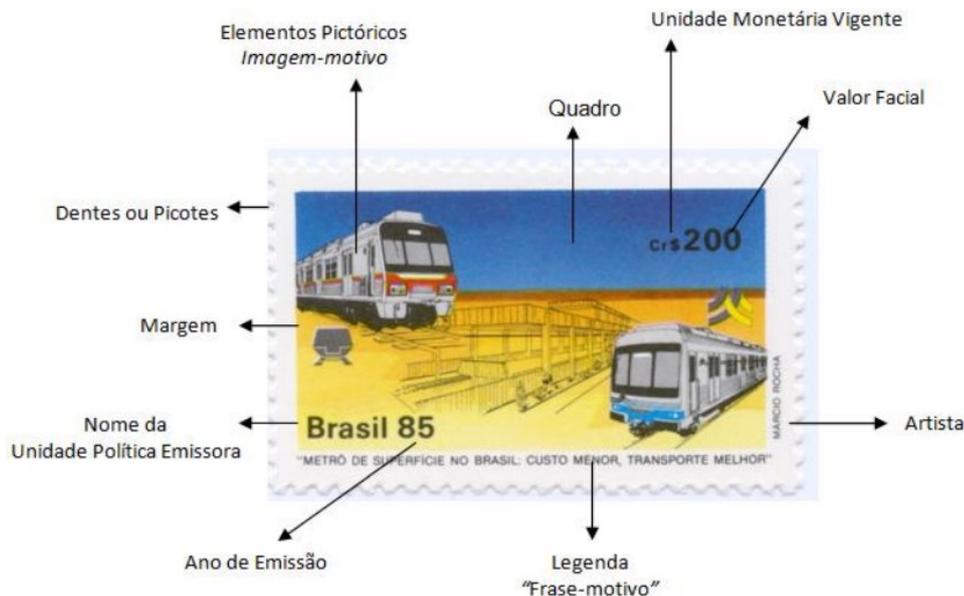
Figura 3 - Protótipo REFIBRA



Fonte: <http://imago.ddns.net>

A partir de uma leitura bakhtiniana, acreditamos que o selo postal “difunde, por meio de destinos e diversos signos, múltiplas recorrências temáticas e discursos, sendo a ciência uma delas” (SALCEDO, 2010, P. 67) e que, sendo assim, detém na sua minúscula interface uma variedade de signos que são transformados em veículos de transmissão de significações de mundo e de sentidos socialmente construídos. Seus elementos verbovisuais como, por exemplo, a imagem-motivo, nome da entidade/país emissor, ano de emissão, legenda ou frase-motivo, valor facial, nome do artista são informações imprescindíveis no processo de aprendizagem – como pode ser observado na figura a seguir:

Figura 4 - Elementos verbovisuais do selo postal comemorativo



Fonte – Salcedo (2010, p. 126)

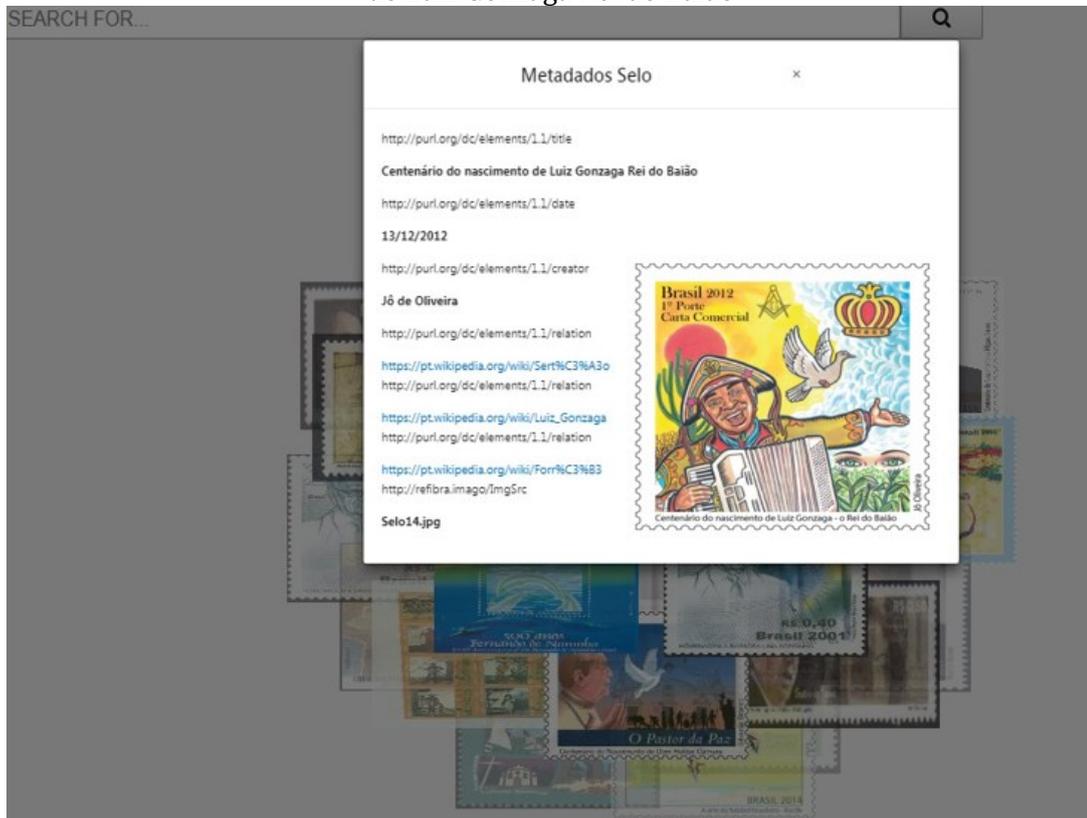
Os metadados, descritores de cara unidade postal, são hiperlinks que remetem a outras fontes de informação (de início para verbetes no Wikipédia apenas na fase de testes, mas futuramente para links de artigos de periódicos científicos, dados de pesquisa, etc.) sobre o tema abordado na imagem-motivo. Essa preocupação com a interatividade dos dados se deve, principalmente pelo movimento conhecido como *open science*, o qual visa a comunicação de informações científicas e reconhece que o conhecimento científico é patrimônio da humanidade e, portanto, necessita estar disponível livremente para que as pessoas possam utilizá-lo ou recusá-lo (SAYÃO; SALES, 2014):

acredita-se que um conjunto de dados abertos de pesquisa, disponíveis em um repositório digital, possibilita o reuso, o aumento do índice de citações de autores, potencializa a troca de conhecimento e evita que futuras pesquisas sobre um determinado tema se repitam, evitando desperdícios financeiros e de tempo (SANTOS, 2017, p. 19-20).

Por conseguinte, a *open science* pode proporcionar maior dinamismo às atividades que envolvem as ciências, a tecnologia e a inovação, contribuindo e auxiliando diretamente nas práticas de ensino-aprendizagem, assimilação e apropriação de informações culturais, e promovendo ações de ressignificação de objetos pelos sujeitos sociais. Mais que uma mídia social ou repositório temático, o REFIBRA atuará como um repositório de publicação ampliada e terá como propósito: conectar os dados das

pesquisas e publicações com a documentação filatélica, contribuindo para a disseminação de resultados de pesquisas científicas.

Figura 5 - Metadados do selo comemorativo do centenário do nascimento de Luiz Gonzaga Rei do Baião



Fonte - <http://imago.ddns.net>

O processo de representação temática (indexação/classificação) será realizado pelos próprios interagentes por meio atribuição de etiquetas (folksonomia). Segundo Pereira e Cruz (2010), esse processo possibilita a marcação por etiquetas que indicam a função semântica, separadamente do estilo visual em que é apresentada, e da estrutura sintática em que é organizada. O uso dessa marcação permite que pessoas não-técnicas possam ser produtoras de ligações semânticas entre as comunicações disponíveis em seus circuitos de conexão. As pessoas têm suas interações potencializadas, reforçando identidades tribais e faz emergir o senso comunitário e colaborativo nas redes.

Enquanto dispositivo de mediação cultural, este espaço de interação social, torna o termo “usuário” obsoleto. Adotamos o termo “interagente” (PRIMO, 2000) para nomear estes indivíduos que, não apenas utilizam, mas interagem, conceituam, ressignificam o sentido dos objetos de forma autônoma no processo de apropriação do conhecimento.

Isso nos ajuda, enquanto pesquisadores, a mapear o comportamento informacional e compreender como os indivíduos estão assimilando as informações contidas na documentação filatélica dessa plataforma digital.

Prova disso, foram os resultados dos dados coletados na primeira oficina de mediação cultural do REFIBRA, promovida no dia 23 de maio de 2018, pelo grupo IMAGO nas dependências do Departamento de Ciência da Informação da UFPE. Escolhemos três selos postais comemorativos pernambucanos para que os interagentes (36 alunos do 1º ao 7º período do curso de Biblioteconomia) tivessem a primeira experiência de folksonomia na plataforma do repositório, onde foi solicitado que três etiquetas fossem atribuídas para cada selo.

O primeiro selo (Figura 6) comemora o Centenário da Revolução Republicana em Pernambuco (1917), movimento contrário a estada da Família Real Portuguesa no Brasil. Na época, a emissão um selo em que a imagem é a bandeira de um movimento revolucionário pode ser entendida, uma ruptura na relação com o Império, uma manifestação de patriotismo (SALCEDO, 2011, p. 15).

Figura 6 - Selo comemorativo do *Centenário da Revolução Republicana em Pernambuco*.



Fonte – Coleção particular dos autores.

O segundo (Figura 7), refere-se ao Cinquentenário da Publicação do livro *Casa Grande e Senzala* (1984), do sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre. O título alude aos símbolos tanto do poder patriarcal e escravocrata quanto a economia latifundiária e monocultora. Na imagem representa elementos característicos destacados na obra.

Figura 7 - Selo comemorativo do Cinquentenário da Publicação de Casa Grande e Senzala.



Fonte – coleção particular dos autores

O terceiro selo (Figura 8), alude aos 170 anos do Diário de Pernambuco (1995). Salcedo (2011, p. 73) destaca que a imagem-motivo enaltece a bravura e a capacidade desse jornal em acompanhar as transformações ocorridas, principalmente com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, as quais acarretaram profundas mudanças nas práticas jornalísticas e midiáticas, inferindo um “compromisso do Diário de Pernambuco com a Modernidade”.

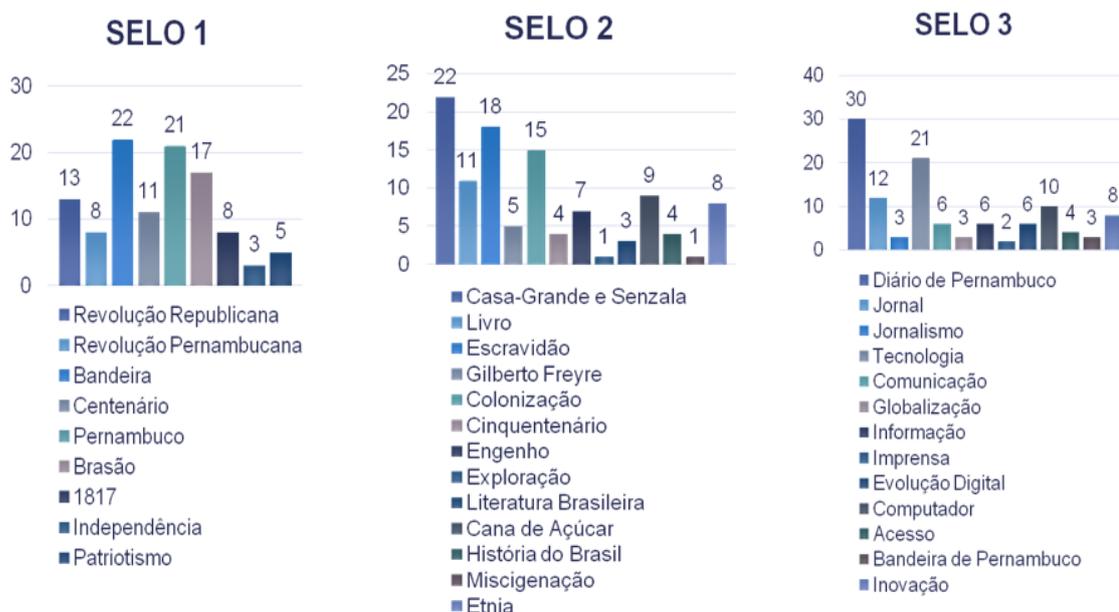
Figura 8 - Selo comemorativo dos 170 Anos do Diário de Pernambuco



Fonte – coleção particular dos autores

Os termos utilizados pelos 36 interagentes para a representação temática das imagens foram atribuídos de maneira espontânea a partir da experiência e do conhecimento prévio de cada um, como podemos observar no gráfico a seguir:

Figura 9 - Termos etiquetados utilizados pelos interagentes no processo de folksonomia



Fonte – os autores (2018)

Quando foi perguntado ao público se eles utilizariam o repositório como fonte de informação cultural, (32) pessoas afirmaram que sim, (1) disse que não utilizaria e (3) se abstiveram de opinar. A partir de uma breve análise das etiquetas atribuídas podemos identificar o lugar de fala do público interagente – estudantes universitários e pernambucanos. A partir dessa primeira experiência, esperamos realizar mais ações extensionistas em ambientes de comunicação e informação (escolas, universidades, bibliotecas, centros culturais) que possibilitem a atuação do repositório, admitindo seu potencial pedagógico, e que ele possa ser uma ferramenta utilizada tanto pelos colecionadores, pesquisadores, professores e a sociedade de modo geral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o estudante de Biblioteconomia efetuar um levantamento bibliográfico sobre um número específico de conceitos e estabelecer entre eles alguma relação de parentesco

é uma prática indispensável ao seu processo de aprendizagem. Uma delas, desenvolvida durante a primeira parte do presente projeto, criou condições para que a estudante bolsista pudesse compreender o papel do bibliotecário no que diz respeito não somente a busca por informações sólidas (atividade principal desse profissional desde os tempos mais remotos), como também sua importância no processo da construção do conhecimento.

De fato, o papel do bibliotecário há muito que vem ganhando novas e importantes características, saindo do que antes era tido como paradigma custodial (centrado exclusivamente na guarda da informação) para o que entendemos hoje como paradigma pós-custodial (dedicado, sobretudo, a disseminação da informação).

Ora, estabelecer uma relação entre o REFIBRA e, em especial, o selo postal, com o conceito de mediação (caro para os tempos atuais) permitiu alargar um campo de pesquisa que até então se mostrou pouco discutido. O que antes contava com um pequeno número de fontes citadas sobre essa discussão, acabou por se transformar em um horizonte de novas possibilidades – o que pode ser percebido, sobretudo, com as referências bibliográficas dispostas a seguir. Além disso, foi possível identificar o lugar do repositório no regime de informação do selo postal que de início não fazia parte dos objetivos, mas que se tornou imprescindível no processo de aprendizado. A pesquisa concluiu que o selo postal e o repositório servem como interfaces de processo criativos de ensino-aprendizagem. Ela também permitiu perceber uma salutar troca de experiência criativa nas ações de etiquetagem dos documentos da amostra.

Ainda, a pesquisa proporcionou uma compreensão teórico-prática sobre a importância de um dispositivo de mediação de informação cultural por intermédio da memória postal pernambucana, contribuindo no aprimoramento das competências de identificação, organização e análise de dados extraídos de documentos filatéticos brasileiros. Além disso, estimula a continuidade do processo científico e da análise crítica sobre os fenômenos históricos, econômicos, culturais e sociais de Pernambuco. Por fim, o resultado da pesquisa indica que é necessário criar futuras oportunidades para que a relação entre interagentes e repositórios possam designar processos positivos de mediação cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. A.; VASQUEZ, P. K. **Selos postais do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.
- ARELLANO, M. A. Preservação de documentos digitais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 15-27, maio/ago. 2004.
- DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo. **Hermés**, Paris, n. 19, p. 03-36, 2003.
- DUFÊNE, B.; GELLEREAU, M. A Mediação Cultural: objetivos profissionais e políticos, **Hermés**, Paris, n. 38, p. 199-206. 2004
- FERREIRA, Jairo. Miatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **Compós**, Brasília, n. 10, p. 1-15, 2007.
- FONTES, G. S.; GOMES, I. I. R. L. E. Cibercidades: as tecnologias de comunicação e a reconfiguração de práticas sociais. **Informação & Informação**, v. 18, n. 2, 2013.
- FANTIN, M.; GIRARDELLO, G. Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n.1, 69-96, jan./jun. 2009.
- GALEALE, B. P.; OLIVEIRA, L. M. B. Mediação cultural no âmbito da web 2.0: interatividade, participação e experiência. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, 2017.
- GÓMEZ, M. N. G. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002.
- GÓMEZ, M. N. G. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade, João Pessoa**, v.22, n.3, p. 43-60, set/dez, 2012.
- LE COADIC, Y. **A ciência da informação**. Briquet de Lemos/ Livros, 2004.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MALHEIRO, A.; RIBEIRO, F. **Paradigmas, serviços e mediações em ciência da informação**. Recife: Néctar, 2011.
- MARTELETO, R. M.; COUZINET, V. Mediações e dispositivos de informação e comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares intercruzados. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 7, n. 2, 2013.
- PASCHOAL, S. B. N. Dialogização com e a partir da leitura: crianças e adolescentes protagonizando saberes. In: **Congresso De Leitura Do Brasil (COLE)**, 17, 2009, Campinas. Anais... Campinas: ALB, 2009. Disponível em: goo.gl/h8RNYN. Acesso em: 12 jul. 2018.
- PEREIRA, D. B. C.; CRUZ, R. C. Folksonomia e tags afetivas: comunicação e comportamento informacional no Twitter. **DataGramaZero**, v. 11, n. 6, p. A06, 2010.
- PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, 2014.

SALCEDO, D. A. Lacunas na arquivologia contemporânea: uma perspectiva da filatelia. **Arquivística.net**, v. 2, n. 1, p. 104-113, 2006.

SALCEDO, D. A. **Filatelia e memória**: pequenos embaixadores de papel. In: VERRI, Gilda M. W. (Org.). Registros do passado no presente. Recife: Bagaço, 2008. p. 155-195.

SALCEDO, D. A. **A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000**. Recife: EDUFPE, 2010.

SALCEDO, D. A. **Pernambuco nos selos postais**: fragmentos verbovisuais de pernambucanidades. Recife: LIBER, 2011.

PERROTI, E. p. 6-14. IN: SALCEDO, D. A. **Mediação Cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PRIMO, A. F. T. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 12, jun., p. 81-92, 2000.

SANTOS, D. B. **Publicações Ampliadas: Aspectos Da Integração De Dados De Pesquisa**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2017.

SAYÃO, Luís Fernando; SALES, Luana Farias. Dados abertos de pesquisa: ampliando o conceito de acesso livre. **RECIIS** | 2014, jun., 8(2) – p.76-92, 2014.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramZero**, v. 0, n. 0, p. A01, 1999. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/9680>. Acesso em: 15 maio 2018.

SIGNATES, Luís. Estudos sobre o conceito da mediação. **Novos Olhares**, São Paulo, n. 02, p. 37-49, 1998.

UNESCO. **A memória do mundo na era digital**: digitalização e preservação, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/IUrhkh>. Acesso em: 3 fev. 2018.

Recebido em: 18 de janeiro de 2019
Aprovado em: 07 de julho de 2019
Publicado em: 01 de agosto de 2020